

# O MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS NAS JORNADAS NUMISMÁTICAS DA I EXPOSICIÓN IBERO- AMERICANA DE NUMISMÁTICA Y MEDALLÍSTICA

POR ALEXANDRE FERREIRA BARROS

Correram os dias em alvoroço depois que recebemos o convite para falarmos numa das jornadas que, como complemento da I Exposição Ibero-americana, se realizaram em Barcelona de 25 a 28 de Novembro de 1958. Além dos diapositivos de moedas a cores do 1.º Museu do Porto, levamos também a honrosa incumbência da representação da Sociedade Portuguesa de Numismática, na inauguração daquele grandioso certame.

Assistimos a quase todas as cerimónias; visitamos por vários dias a monumental exposição; estivemos presentes em todas as jornadas numismáticas, soubemos que estavam expostas cerca de 300.000 moedas e medalhas, num percurso de 2 quilómetros; estivemos na Ceca de Barcelona, montada a título documental na Exposição: apreciamos gráficos, esquemas do fabrico de moedas e medalhas, plantas e projectos. Foram de grande emoção aqueles dias que correram breves, quase exclusivamente vividos dentro da numismática.

Do nosso modesto contributo, damos a seguir uma cópia que é mais fiel às palavras que proferimos na III Jornada Numismática, do que a que veio publicada no Boletim número 15 da I Exposición Iberoamericana de Numismática y Medallística de Barcelona 1958, por possível extravio de pequena parte do original, cujas provas não pudemos rever.

## A SECÇÃO NUMISMÁTICA DO MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS, PORTO, E ALGUMAS MOEDAS DESTACADAS DO SEU CONTEÚDO

Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores :

Como coleccionador e conservador de numismática do Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, foi de sincero júbilo a hora em que tive conhecimento da realização da I Exposição Ibero-americana

de Numismática e Medalhística, nesta maravilhosa pérola do Mediterrâneo, cidade monumental da minha maior admiração, fonte torrencial de energias criadoras, cujos fachos resplandecentes iluminam o longo período da sua História. Barcelona, a que permanece juvenil sobrevoando os tempos, numa juventude rica de actividade intelectual, numa pujante inflorescência, com projecção universal de cintilante humanismo, através dos séculos e nas maiores civilizações.

Mas esse meu júbilo, esta minha comoção tenho, primeiro que tudo, de desvendá-los aqui com as minhas homenagens à Espanha e às excelsas virtudes do seu Povo. À Espanha gloriosa, terra bendita criadora de Povos, fomentadora de civilizações, forte, activa, portentosa, Espanha imortal.

Portugal, a outra nação da Península Ibérica, marca orgulhosamente a sua presença nesta monumental Exposição Numismática. O professor Sr. Dr. Damião Peres, Inspector Geral de Numismática, nome dos mais consagrados na investigação da nossa história, acompanhou até esta Exposição, as mais preciosas moedas portuguesas da Índia. E a Índia, como a América, é um marco evocativo do génio da navegação das duas pátrias da Península Ibérica. Ambas, com heróicos navegadores, deram novos Mundos ao Mundo, espalharam a civilização, descobriram, com heroicidade e perseverança, novas terras e novas gentes.

Agradeço à Comissão Executiva da I Exposição Ibero-americana de Numismática e Medalhística o honroso convite que me dirigiu, e julgo interpretar, Senhor Presidente, o pensamento de todos os numismatas portugueses, expressando aqui nesta feliz oportunidade, a nossa mais afectuosa admiração pela obra de grande expansão cultural que nesta data e nesta cidade realizais.

Para os numismatas, coleccionadores e simples amadores da História Metálica, eu quero ser o portador das saudações dos seus colegas portugueses e, especialmente, dos coleccionadores e amadores da cidade do Porto, entre quem me considero e onde nasci.

Ao elaborar esta palestra para um público tão selecto e numa nação de tão avantajadas proporções históricas como é a Espanha, neste ambiente, cuja eloquência define o enorme sucesso desta Exposição, verifiquei, imediatamente, que apenas me competia trazer a V. Ex.<sup>as</sup> uma descrição sumária da colecção do Museu Nacional de Soares dos Reis, de que sou simples conservador ajudante, apresentando-lhes em projecção, as imagens de algumas moedas e medalhas que ali existem.

Quando V. Ex.<sup>a</sup> Sr. Presidente, se dignou convidar-me para falar neste Palácio, onde tantos nomes distintos fizeram já, e farão depois o uso da palavra, o obscuro orador, destes momentos, fixou logo a ideia de escolher

este assunto. É que em Espanha, como no resto do Mundo, debruçam-se actualmente cientistas de tão grande envergadura a perscrutar e a desvendar, de tal modo, este ramo do saber, que, seria ousadia da minha parte, escolher para aqui tema mais complicado. V. Ex.<sup>as</sup> me perdoarão se contavam que eu viesse aqui desenvolver uma conferência no terreno objectivo e puro de ciência numismática. Infelizmente nada trago que, para V. Ex.<sup>as</sup>, possa ser novidades. Neste, como em muitos outros assuntos, apenas posso repetir o que bem melhor já foi dito.

E, todavia, apesar de ser assim, não tive a mais pequena hesitação em aceitar o honroso convite. Na impossibilidade burocrática de vos trazer, como era meu desejo, algumas peças daquele museu portuense para dentro das vitrines desta monumental Exposição, eu quis aproveitar o ensejo de conseguir que a dependência de numismática do 1.º museu do Porto, desse algum contributo, ainda que pequeno para esta maravilha. E desta forma: através de algumas palavras e de algumas projecções a cores, talvez pouco cuidadas, por falta de méritos fotográficos próprios e de tempo.

Num edifício construído pelos finais do século XVIII e conhecido pela denominação de «Palácio dos Carrancas», situado na rua de D. Manuel II, no Porto, instalou-se a 30 de Janeiro de 1942, depois das indispensáveis adaptações, o Museu Nacional de Soares dos Reis.

António Soares dos Reis, é o nome do maior estatuário português, do século XIX, que foi galardoado com a medalha de ouro na Exposición General de Bellas Artes Madrid MDCCCLXXXI. Nasceu no lugar de S. Cristóvão de Mafamude, em Vila Nova de Gaia, numa casita modesta à beira da estrada Porto-Lisboa. Foi e ainda continua, o expoente máximo da escultura clássica portuguesa.

O Palácio dos Carrancas, alcunha dos judeus que o mandaram edificar, foi legado à Santa Casa da Misericórdia do Porto por D. Manuel II, o último rei de Portugal, devendo-se a sua cedência e adaptação a museu à devotada perseverança do ilustre portuense, Dr. Vasco Valente, eminente museólogo, que foi também, ali, director, falecido em 1950, e bastante conhecido nos meios museológicos de Espanha.

É o mais antigo Museu de Arte de Portugal, criado em 9 de Abril de 1833 por D. Pedro IV com o nome de Museu Portuense e depois transformado em Museu Municipal do Porto, Museu Soares dos Reis e, finalmente, em Museu Nacional de Soares dos Reis. É actualmente seu director o escultor Salvador Barata Feyo, professor e subdirector da Escola de Belas-Artes do Porto e um dos maiores valores na moderna escultura portuguesa.

O gabinete numismático do Museu Nacional de Soares dos Reis tem

sido, principalmente no Norte de Portugal, um meio de expansão do coleccionismo numismático para uma grande parte de portugueses que, nas suas visitas, ali colhem o gosto pelas moedas e medalhas.

Nunca tinha havido em Portugal até 1951, sociedades que exclusivamente se dedicassem à numismática, apesar das Academias, Sociedades de Arqueologia e outros organismos terem dado bastante atenção a esta ciência.

Em princípios de 1951, um grupo de coleccionadores do Porto resolveu, depois de várias reuniões, estudar uns estatutos, para a constituição da Sociedade Portuguesa de Numismática, que foram aprovados por decreto ministerial de 12 de Março de 1952. Desde essa data se tem desenvolvido essa Sociedade, que conta hoje mais de 200 sócios, entre os quais verdadeiros cientistas, como por exemplo os Drs. Damião Peres, Batalha Reis, Pinto Garcia, Eng.º Raul Couvreur, Eng.º Ferraro Vaz e outros, nomes consagrados na numismática portuguesa, cujos trabalhos são conhecidos em todo o mundo numismático.

O coleccionismo tem fundas raízes na Península Ibérica. Nas moedas e em Portugal, podemos demarcar-lhe o século XV como época inicial de manifestação conhecida. O Condestável D. Pedro, D. Pedro de Portugal, filho de D. Pedro, Duque de Coimbra, nascido em terras portuguesas em 1429, grande, pelas letras em Castela, e Rei de Aragão, foi o primeiro português que os investigadores apontam como possuindo uma colecção de moedas. D. Manuel I, o Rei Venturoso, André de Resende, um dos antiquários mais ilustres do seu tempo, Gaspar Estaço, natural de Évora, Manuel Severim de Faria, cônego e chantre da Sé de Évora, foram, entre outros, os principais precursores do coleccionismo numismático em Portugal.

Com os escritos, onde aparecem simples menções de moedas, resenhas de numismas, nas crónicas dos primeiros historiógrafos portugueses: Fernão Lopes, Rui de Pina, Garcia de Resende, Gaspar Correia, etc., com os pequenos tratados de numismática antiga, a que se seguiram trabalhos de maior vulto, como o de Severim de Faria, n.º 4 dos «Discursos Vários Políticos», Lisboa, 1624, o de D. Rodrigo da Cunha, sob o título «Moedas que correrão e se lavrarão em Portugal do tempo de Dom Afonso Henriques até ao ano de 1640 seus preços e valia», o volume da Europa Portuguesa de Manuel Faria e Sousa, com tudo isto, e o muito que não menciono, mas se encontra no livro «Da Numismática em Portugal», Lisboa, 1923, da autoria do sábio português Professor Dr. José Leite de Vasconcelos, o coleccionismo de moedas e medalhas, em Portugal, foi-se desenvolvendo, vagarosa e paralelamente, numa actividade utilíssima para a ciência, pois permitiu a arrecadação e preservou a destruição de muitas moedas que de outra forma se perderiam.

Divide-se, o desenvolvimento da bibliografia numismática portuguesa,

em três períodos: O primeiro, dos primórdios da nacionalidade até 1625; o segundo até 1720 e o terceiro de 1720 aos nossos dias. Destacam-se, neste último período, os nomes de Lopes Fernandes, Teixeira de Aragão e do Dr. José Leite de Vasconcelos, todos já falecidos. Actualmente o Dr. Pedro Batalha Reis tem sido o investigador que mais tem trabalhado na numária portuguesa; publicou ultimamente uma Cartilha de Numismática e várias monografias de grande valor. Não menciono a numerosa bibliografia deste autor para não cansar V. Ex.<sup>as</sup>; todavia, é curioso constatar um acréscimo de interesse, que ultimamente se nota, no coleccionismo numismático em Portugal. E embora a técnica das colecções particulares seja forçosamente diferente da dos museus públicos, foi naquelas que tiveram origem as principais colecções numismáticas de museu, que permitem que os estudiosos tenham material para as suas investigações.

A esse instinto de colecção, quase tão velho como a própria Humanidade, se deve também o núcleo primário do gabinete de medalhas e moedas do Museu, que agora aqui represento.

Foi um negociante inglês, João Allen, nascido em 1785 em Viana do Castelo, cidade portuguesa do Norte, quem primeiro doou ao Museu Portuense uma variada quantidade de moedas romanas e portuguesas, que havia adquirido nas suas andanças de coleccionador incansável, através do Mundo. João Allen foi também o iniciador e proprietário do Museu Allen estabelecido na rua da Restauração, no Porto, nos princípios do século XIX, e que, após a sua morte, foi comprado pelo município da mesma cidade.

O filho daquele grande coleccionador, Dr. Eduardo Allen, formado em direito pela Universidade de Coimbra e bacharel em letras pela Universidade de Paris, foi o director do Museu do Porto. Publicou dois interessantes trabalhos sobre moedas visigodas de PORTOCALE, a conhecida ceca visigoda, de que dentro de breves instantes vos mostrarei, também, um triente, único conhecido, de Suintila.

A colecção de moedas e medalhas do Museu Nacional de Soares dos Reis tem sido aumentada quase exclusivamente à custa de dádivas e doações de particulares. É justo destacar, pelo valor e qualidade dos seus exemplares, a importantíssima colecção doada em 1914 ao Museu Municipal do Porto pelo Dr. Morais Caldas, constituída por muitas moedas de ouro de Portugal, entre as quais um português de D. Manuel I, com carimbo de 10\$000 réis, que deu lugar a um interessantíssimo estudo do engenheiro Ferraro Vaz, «Moedas de ouro carimbadas na época de D. João IV», Guimarães, 1949. Em 1948, um estudioso de moedas, que às visigodas da Lusitânia dedicou importantes trabalhos, manifestou vontade de vender, exclusivamente para o

Museu Nacional de Soares dos Reis, o único triente conhecido de Suintila, tipo emeritense ou lusitano, da ceca de PORTVCALE. Alvorçadamente concordamos com a aquisição, demais que o generoso vendedor, o estudioso numismata Tenente-Coronel António Elias Garcia lhe havia dedicado lugar de relevo no artigo «As moedas visigodas de Portocale ou Portvcale», que publicou na Revista de Guimarães, vol. LVII, e desta forma, este documento da história da cidade do Porto ficava muito melhor arquivado no seu Museu, do que nas mãos de qualquer particular.

Se eu viesse preparado para falar a V. Ex.<sup>as</sup> da história do gabinete de numismática do Museu Nacional de Soares dos Reis, eu prolongaria a minha palestra para muito além da vossa afectuosa paciência, e faria a figura de um mau cicerone que, em vez de vos descrever um monumento, se permitisse descrever-vos a constituição do solo em que o mesmo assenta. Tampouco devo cansar V. Ex.<sup>as</sup> com um esboço da numária portuguesa, no qual teria de vos falar em morabítnos, dinheiros, mealhas, tornezes, dobras, barbudas, uma interminável nomenclatura já conhecida e divulgada. A legislação monetária portuguesa, as casas da moeda, a sua fabricação, os tipos, os valores, os pesos, os metais, os abridores de cunhos, as contramarcas e as medalhas, tudo isto tem sido objecto de variadíssimos estudos em Portugal, em parte mencionado no erudito trabalho do falecido Professor Dr. José Leite de Vasconcelos, a que já me referi, e que serviriam para melhorar estas minhas palavras, se eu não tivesse resolvido circunscrever-me à descrição de algumas moedas e medalhas da dependência numismática do 1.º Museu do Porto.

Nas vitrines do Museu Nacional de Soares dos Reis, qualquer estudioso poderá seriar quase todas as letras monetárias das Casas da Moeda do Reino de Portugal, que começam a aparecer nas moedas de D. Fernando «o Formoso» que reinou de 1367 a 1383: L para Lisboa, P para o Porto, E de Évora, etc. etc., terá uma visão iconográfica de muitos reis de Portugal, examinará a evolução das armas, e, se tiver espírito de investigador, encontrará qualquer pormenor ou moeda, que o acaso lhe ponha diante dos olhos, para descoberta de tomo.

O número de exemplares ali existentes, se o compararmos ao dos grandes gabinetes numismáticos do Mundo, é relativamente pequeno, cerca de 10.000. Todavia, esta pequena quantidade não impede que ali estejam representados quase todos os países do Mundo e alguns com moedas e medalhas de grande categoria. Destacaremos, para começar, uma bráctea de ouro, representando a cabeça da ninfa Aretusa, coroada com folhas de trigo e rodeada por quatro golfinhos. Contém a assinatura do conhecido gravador grego Evainetos e o cunho é igual ao das célebres decadracmas de Siracusa.

Como V. Ex.<sup>as</sup> vão ver na projecção, trata-se de uma obra-prima da gravura, impossível de ultrapassar em perfeição e beleza.

Como se sabe, as brácteas são, em geral, lâminas de ouro batido e estampado, com orifícios que serviam para se adaptarem aos vestuários da época.

Este exemplar rectangular, com o tamanho de  $4 \times 5$  cm foi encontrado perto de Bragança, em 1840. Pertence aos fins do século V antes de Cristo. Foi estudado por E. Hübner (*Die antiken Bildwerke in Madrid*) Berlim, 1862.

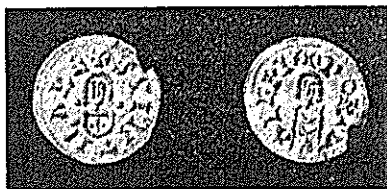


No jornal «O Tripeiro», Porto, 1930; e no periódico espanhol *Investigación y Progreso*, Madrid, 1935, existem trabalhos acerca desta siracusa.

A legenda é a mesma das referidas decadracmas, EYPAKOEION e a assinatura do famoso artista grego Evainetos que, com Phrygillos, Herakleidas, Eukleidas e Kimon, entre outros, assinaram as mais belas peças monetárias do Mundo Grego. Evainetos, como se sabe, foi um grande gravador que trabalhou principalmente em Siracusa, talvez entre 425 a 393 anos antes de Cristo. Foi o principal criador das célebres moedas de prata de dez dracmas, cunhadas, no ano 412 antes de Cristo, para comemorar a destruição da expedição de Atenas. O anverso dessas grandes moedas (decadracmas) é muito semelhante ao desta bráctea e o reverso contém uma quadriga com um herói sobrevoado pela Vitória.

Não me era possível projectar aqui um número muito grande de moedas e medalhas, além de que algumas, apesar de muito próprias para a exposição Ibero-americana, não estavam em condições de serem fotografadas, e por essa e outras razões, não posso projectar moedas, da série grega e derivadas, das romanas, das bizantinas e até árabes, que o Museu Nacional de Soares dos Reis possui. Trouxe porém, para vos mostrar, alguns diapositivos de moedas

visigodas de Leovigildo, Recaredo, Viterico, Gondemaro, e outros reinantes, que V. Ex.<sup>as</sup> apreciarão. Não quero entretanto deixar de chamar a vossa esclarecida atenção para um triente de Suintila de PORTVCALE, tipo emeritense, também conhecido por tipo lusitano. É a primeira moeda, até hoje conhecida, em que aparece PORTVCALE grafado com V. É um importante documento para a história do Porto.



A seguir veremos um morabitino de D. Sancho; no anverso a legenda SANCIVS REX PORTVGALIS, uma figura do Rei a cavalo à direita, coroado, com a espada alçada e no reverso IN NE PTRIS I FILLII SPS SCIA (In nomine patris et filii spiritus sancti amen).

Vem depois um tornez, atribuído durante algum tempo a D. Diniz, um dos soberanos mais ilustres da sua época, que reinou de 1279 a 1325 e que apenas projectamos pela forma da cruz. No anverso lê-se DIONISII REGIS PORTUGALE ET ALGEIREI, e no reverso — AUDIUTORIUM NOSTRUM IN NOMINE DOMIN — QUI FECIT: CELUM: TERRAM.

Outro tornez com o busto de D. Fernando, será também projectado.

A seguir, vão V. Ex.<sup>as</sup> ver um exemplar raríssimo do tornez de D. Beatriz, princesa de Portugal, filha de D. Fernando e rainha de Castela, pelo seu casamento com D. João I. É ligeiramente diferente do da Biblioteca Nacional de Madrid, foi estudado por Aloiss Heiss e por Teixeira de Aragão, mas em Dezembro de 1954 o Dr. Luís Pinto Garcia, que à numismática portuguesa tem dedicado numerosas monografias, publicou, na revista NVMMVS da Sociedade Portuguesa de Numismática, uma curiosa notícia sob o título «Da Colecção Monetária do Dr. Shore» onde descreve pormenorizadamente o valioso espécime, rectificando o erro da gravura de Heiss, pois verificou que, tanto no exemplar de Madrid como neste que aqui agora se projecta, o busto de D. Beatriz é ladeado pelas letras S A de (Sevilha).

No anverso há legenda — DOMINVS: MICHI: ADIVTOR: ED EGO: DISPICIAM: INIMICUS: DOMINVS MI:



No reverso: BEATRICIS: DEI G: REGINA: CASTELE: E POR:  
As armas são de Castela e Leão e as quinas de Portugal.

Este exemplar pertence ao Sr. Eduardo Niepoort, grande coleccionador do Porto e actualmente Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática.

Um escudo de ouro de D. Afonso V, 1438 a 1481, cunhado no Porto, e que foi adquirido pela edilidade portuense, no leilão realizado em Haia, em Dezembro de 1938, na Casa Jacques Schulman, pela quantia de 2.200,10 florins holandeses.

É uma soberba peça que, segundo o Dr. Batalha Reis, «foi achada em Elvas, em 1907, quando ali se procedia a obras em determinado prédio».

Esta raridade numismática de estilo gótico, vai também ser projectada para V. Ex.<sup>as</sup> a apreciarem.

De D. Manuel I o Rei «Venturoso», 1495-1521; Rei de Portugal e dos Algarves, Daquem e Além-mar em África, senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, V. Ex.<sup>as</sup> vão examinar um «português» de ouro, a moeda especial que devia ser levada pelo capitão da primeira armada que chegasse à Índia. A Vasco da Gama coube essa glória.

Foi tão famosa esta moeda, que, talvez devido à sua fina execução, ou ao seu grande valor intrínseco, foi imitada nalgumas cidades e regiões da Alemanha, com o nome de «Portugalês». Este exemplar está carimbado com um carimbo de aumento de valor, do tempo de D. João IV.

Dos Filipes vamos ver um exemplar de 4 cruzados que suporta três carimbos: um visível da época de D. Afonso VI (1662), outro da época de D. Pedro, Príncipe Regente (1668) e um terceiro apenas visível dificilmente debaixo do primeiro, que o Eng.<sup>o</sup> Ferraro Vaz diz ser de 3500, de acordo com o alvará de 19 de Maio de 1646.

E por último e para terminar, vou projectar também a moeda-medalha CONCEIÇÃO, mandada cunhar por D. João IV em 1650, para comemorar a adopção que fizera da Nossa Senhora da Conceição para padroeira do Reino de Portugal. Esta peça marca também uma tentativa para melhoramento dos processos de amodação. Foram estas moedas as primeiras que se bateram com o novo engenho que António Routier tinha trazido para Portugal, em 1649. O seu valor era de 12.000 réis para as de ouro e de 600 para as de prata.

No anverso — IOANNES. IIII. D. G. PORTVGALIAE. ET. ALGARBIAE. REX.

No reverso — TVTELARIS REGNI — Imagem da Nossa Senhora da

Conceição sobre o globo, que tem a serpente enroscada e a data de 1648; em cima a meia lua, à esquerda o sol, a casa do oiro e o horto; à direita o espelho, a arca do santuário e a fonte selada. Pesam as de oiro 864 grãos e as de prata 576.

Só para V. Ex.<sup>as</sup> fazerem uma ideia do actual estado da medalhística em Portugal, onde avultam nomes de artistas de primeiro plano, tais como: Simões de Almeida Sobrinho, João da Silva, Álvaro de Brée, Raul Xavier e tantos outros, trouxe também alguns diapositivos de medalhas existentes no Museu Nacional de Soares dos Reis que também aqui serão projectados.

A medalhística em Portugal, só no século XX começou a tomar o necessário incremento. Mau grado a existência de um António Mengin, de um Wiener, de um Figueiredo, do Venâncio Pedro de Macedo Alves, Figueiredo, Molarinho, Borja Freire, etc., a medalhística portuguesa só começou a ser artisticamente rica, nos últimos cinquenta anos. Agora sim, João da Silva, Álvaro Brée, Barata Feio, Raul Xavier, Numídio Bessone, M. Norte, e vários mais, têm imposto uma nova expressão artística na arte da medalha portuguesa, sem desdouro, quando em confronto com a de qualquer outro país.

Seguiram-se as projecções que a assistência viu com muito interesse.

